

WADAW



FUNDAÇÃO
ATHOS
BULÇÃO

ANO XIII MAIO 2009

28

diversidade

diversidade

DA DIVERSIDADE

CULTURA



DIFERENÇA

BELEZA



SEXUALIDADE



GRAVIDEZ



Editorial

SEVERINO FRANCISCO • EDITOR DO RADCAL

Eu sou da geração do Jornal Radcal! Em vários lugares de Brasília, muitos jovens se identificam dessa maneira. O Radcal nasceu em 1996, contribuiu para a formação dos valores de várias gerações, ganhou prêmios e virou referência nacional na comunicação feita para e com os jovens. Depois de um período de silêncio, ele está de volta, no formato de jornal e também na internet. Na era da pós-modernidade e do delírio do consumo, a palavra radical foi banalizada e esvaziada do seu sentido original.

Existe o boné radical, o soutien radical ou a ignorância radical. Mas o Radcal veio para recuperar a acepção original da palavra e radicalizar no

sentido da beleza, da cultura, da invenção, da inteligência e dos direitos humanos.

É mais do que um jornal; é um canal de interação com os jovens. E aos professores, elaboramos o Guia do Educador On line com dicas para potencializar o Radcal como material pedagógico em sala de aula. Fique ligado, você também pode entrar em conexão com esse canal. Mande a sua crônica, reflexão, delírio, poema, desenho ou grafite.

OFICINA RADCAL

“Um outro olhar” foi o nome escolhido para as oficinas de comunicação do **Jornal Radcal**.

Olhares de 38 meninos e meninas entre 11 e 27 anos trouxeram pautas, ritmos, realidades, sonhos e inquietações.

Olhos de Planaltina, Vale do Amanhecer, Estrutural, Sobradinho I e II, Cruzeiro, Ceilândia, Guará, Taguatinga, Plano Piloto e Samambaia participaram das três oficinas e se tornaram produtores de mídia. Eles querem provocar, inovar. Jovens animados com espaço de fala, explodindo potencial para todos os cantos. Além de estudantes de várias quebradas do DF, estão no grupo coletivos importantes como Jovem de Expressão, Reação, Associação Viver, Associação Lésbica Feminista Coturno de Vênus e, claro, a Fundação Athos Bulcão. Muitos textos foram produzidos e muitas ideias estão se desenvolvendo na cabeça desses 38 integrantes do Conselho Editorial Jovem do **Jornal Radcal** a partir das oficinas. Por isso, além dos textos que estão nesta edição, temos a grande alegria de apresentar também como produto desses três encontros, o nosso site: www.fundathos.org.br. Um portal jovem de mídia e juventude onde todas e todos poderão participar. Você também! Afinal, a comunicação é direito de tod@s! Chega aí!

Minha Estrutural

Meu sonho é mudar...

Meu sonho é transformar...

Meu sonho é ajudar as pessoas a sonhar...

Sonhar com a transparência...

Sonhar com a elegância...

Sonhar todo dia, e que faça alegria;

É a cidadania que

Ajudem com simpatia

Um sonho para a minha terra legal

Que é a Estrutural.

LEONICE NASCIMENTO, 19 ANOS

ESTUDANTE | POEMA REALIZADO NA OFICINA “UM OUTRO OLHAR”



“A OFICINA DEVERIA SER TODOS OS DIAS. AQUI EU ME SINTO UMA PEÇA IMPORTANTE NO QUEBRÁ-CABEÇA DA VIDA”

OS DIAS. AQUI EU ME SINTO UMA PEÇA IMPORTANTE NO QUEBRÁ-CABEÇA DA VIDA
LEONE BRITO, 15 ANOS • CEF 02 DO CRUZEIRO

VOCÊ PODE AJUDAR A FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO NAS SUAS AÇÕES EDUCATIVAS: DOE! BANCO DO BRASIL, AGÊNCIA 2863-0 CONTA CORRENTE 60700-2

O **Jornal Radcal** é uma realização da Fundação Athos Bulcão com apoio da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, pelo convênio n.º 63/95, para **distribuição gratuita** em sala de aula aos 100 mil alunos das escolas públicas de ensino médio.

APOIO

Ministério da Cultura



Representação no Brasil

PARCERIA



Secretaria de Estado de Educação

ASSESSORIA ESPECIAL PARA POLÍTICA DE PROMOÇÃO DA CIDADANIA | SEDF • FACULDADE DE ARTES DULCINA DE MOARES • ESPAÇO CULTURAL 508 SUL



FUNDAÇÃO
ATHOS
BULCÃO

Organização da Sociedade Civil de Interesse Público | OSCIP
Processo MJ 08071.001043/2005-01
Diário Oficial de 22 de junho de 2005

Certificado dos Direitos da Criança e do Adolescente do Distrito Federal
Registro: 039/2005
Diário Oficial de 08 de julho de 2005

SAN QUADRA 01, BLOCO E
70041-904 • BRASÍLIA/DF
TELEFAX: 61 3322-7801

<http://www.fundathos.org.br>

fundathos@fundathos.org.br

PRESIDENTE
Orlando Vicente Antônio Taurisano

VICE-PRESIDENTES
Natanry Ludovico Osório
Lea Emília Braune Portugal

SECRETÁRIA EXECUTIVA
Valéria Maria Lopes Cabral

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA FINANCEIRA
Rosanilha Martins

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PROJETOS
Glauber Coradesqui

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
Ionara Talita Silva

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO
Rosivalda Santos

MOTORISTA
Olegário Silva Ribeiro

CONSELHO CURADOR
Alik Beatrice Victoria Weiller Correa do Lago,
Cláudia Maria Alves Pereira, Grace Maria
Machado de Freitas, Maria Karla Osório Netto,
Daniel Mangabeira da Vinha

CONSELHO FISCAL
Murilo Alves Nunes, José Roberto Furquim,
Frederico Henrique Viegas de Lima

RADCAL

COORDENAÇÃO GERAL
Ionara Talita Silva

EDITOR-CHEFE
Severino Francisco

EDITORA ASSISTENTE
Jaqueline Fernandes

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE
Marcelo Terraza <Artwork Design Gráfico>

REVISÃO
Eduardo Pinho Rodrigues

COLABORADORES

Cristovam Buarque, Roberto Costa Cavalcanti de Souza, Joseana Paganine, Eduardo Alves, J.V. Andrade

ASSISTENTE DE JORNALISMO
Clara Caroline

COORDENAÇÃO CONSELHO EDITORIAL JOVEM
Danuse Queiroz
Silvia Bertoldo Guerreiro

CONSELHO EDITORIAL JOVEM | 2ª EDIÇÃO
Adolescentes da Associação Viver da Estrutural,
Alice Scartezini, Andréa Augusta, Beatriz Lima,
Carlos André, Coracy Coelho, Danilo Gomes,
Denise Gomes, Duan Lucas, Gustavo Nunes,
Hewellin Almeida, Janaina Maria, Jefferson
Carlos, José Carlos, Josemar Justino, Leoni Brito,
Maíke Barbosa, Marcelo Fernandes, Marcondes
Ferreira, Maria Lúcia, Paulo Henrique Neves,
Rafael Mendes, Régia Vitória, Rodrigo Batista,
Rodrigo Santos, Sara Nascimento, Verônica
Machado, Wanderson Rosalves, Wellington de
Oliveira, Willy de Oliveira.

FOTOGRAFIA
Raissa Coe



Capa • Diversidade

GUIMARÃES ROSA & ARACY MOEBIUS



Joãozinho amava Ara. E escreveu para ela muitas cartas apaixonadas, ridículas como são todas as cartas de amor. Perguntava, inseguro, se Ara pensava nele, fazia juras de amor, falava dos vestidos e joias com que pretendia presenteá-la. Às vezes, não continha o entusiasmo e se autointitulava “Dr. João Babão”. Além das cartas, Joãozinho dedicou à sua Ara uma outra obra, cuja linguagem metafísica nem de longe lembra o tom maliciosamente ingênuo da correspondência: *Grande Sertão: Veredas*, um dos maiores romances da língua portuguesa. Sim, Joãozinho é João Guimarães Rosa, e Ara, Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa, segunda mulher do escritor. É ela quem figura na dedicatória do romance: “A Aracy, minha mulher, Ara, pertence este livro”. “Joãozinho” e “Ara” – apelidos carinhosos com que chamavam um ao outro – viveram juntos por quase 30 anos, até a morte do escritor, em 1967, três dias após tomar posse na Academia Brasileira de Letras. Foi ao lado de Aracy que Rosa amadureceu como escritor e lançou todas as suas obras. Além de *Grande Sertão*, estão entre elas *Sagarana*, *Corpo de Baile*, *Tutaméia* e *Primeiras Estórias*. Os dois se conheceram na Alemanha, na cidade de Hamburgo, em

1938. Médico de formação, mas diplomata por profissão, Rosa foi enviado à cidade como cônsul-adjunto. Lá conheceu Aracy, funcionária do consulado brasileiro, filha de uma alemã imigrada para o Brasil e de um brasileiro, nascida no Paraná. Fluente em várias línguas, ela mudou-se para a Alemanha com o filho pequeno, após se separar do primeiro marido.

O encontro foi fecundo não apenas para Guimarães Rosa. Amparada pelo escritor, Aracy empenhou-se em uma missão arriscada no consulado brasileiro, cujo heroísmo lhe rendeu a alcunha de “o Anjo de Hamburgo”. Após a eclosão da Segunda Guerra, em 1939, ela passou a conceder visto de imigração para o Brasil a judeus perseguidos pelo nazismo, burlando as determinações do governo brasileiro. À época, o governo de Getúlio Vargas alimentava simpatia pelo fascismo e proibia a concessão de asilo aos judeus.

No dia 20 de abril, Aracy completou 101 anos. Sofrendo de mal de Alzheimer, ela já não se lembra mais do passado. Mas as cartas de Joãozinho guardam a memória do amor dos dois. “Os outros, eu conheci por ocioso acaso. A ti vim encontrar porque era preciso”, deixou registrado para sempre Guimarães Rosa.



Jornal Radcal | um jornal que aposta na inteligência do jovem

O Jornal Radcal agora está na net e você vai encontrar conteúdo diversificado, várias expressões artísticas e aspectos da cultura brasileira numa linguagem dinâmica e despojada. Participe!!! Na nossa página você terá acesso a vídeos, fotos, textos, reportagens, matérias. Mande a sua contribuição para tornar o nosso site ainda mais legal. Vale lembrar que o Jornal Radcal é um projeto de educação que acredita na inteligência e no potencial criativo do jovem. Não vale mandar conteúdos impróprios, que incitem a violência, o racismo, a xenofobia, a discriminação racial, política e cultural. Será um enorme prazer ter você com a gente. Entra lá!

www.jornalradcal.com.br

De bem com a internet | Jaqueline Fernandes

A rede virtual não veio só propagar bobagens. Você ainda duvida?

É grande o número de pesquisas que encontramos dizendo que o que mais atrai a garotada no ciberespaço são as salas de bate-papo, jogos e passatempo. Algumas pesquisas trazem ainda dados alarmantes sobre o acesso à pornografia. Mas a internet é mesmo impressionante e abre inúmeras possibilidades de acesso ao conhecimento. Precisamos aprender a lidar com tanta liberdade e utilizá-la para nosso crescimento, isso sim! O Radcal preparou uma série de dicas para você navegar com inteligência.

Seis coisas muito legais pra se fazer na net

➤ Montar um blog para mostrar ao mundo suas ideias. No seu blog você é quem manda, o importante é usar essa ferramenta para se manifestar livremente, seja com poesia, crítica ou notícias! Arrisque, vale à pena! E não se esqueça de privilegiar os blogs dos seus amigos, conhecidos ou simplesmente blogs que vá encon-

trando por esse universo interminável chamado blogosfera.

- Baixar livros;
- Assistir a produções audiovisuais do mundo todo;
- Participar de fóruns de discussão;
- Descobrir e criar rádios on-line! Existem, para todos os gostos!;
- Aprender um idioma.

Se liga na blogosfera!!! Dez dicas de blogs da hora

<http://ademirbacca.blogspot.com/>
<http://blog.portaleducacao.com.br/>
<http://blog.sitedepoesias.com.br/>
<http://constancalucas.blogspot.com/>
<http://cyberdemo.blogspot.com/>
<http://www.derrela.blogspot.com/>
<http://jovemcolunista.blog.ig.com.br/>
<http://juventudeaserio.blogspot.com/>
<http://juventudehumanista.blogspot.com/>
<http://of2edu.blogspot.com/>

Com poesia e palavras certeiras na cabeça, o rapper GOG solta o verbo para o Radcal. Prestígio posições periféricas, pancadas poéticas, papo parabólico para povo pedindo passagem pelo pensamento precursor. Proponho: passeie pela proposta preciosa: G-O-G! Prepadad@? É, minha gente, eis uma pequena homenagem ao nosso entrevistado desta edição: Genival Oliveira Gonçalves, o poeta de Brasil com P (música em que todas as palavras começam com a letra P). Quarenta e quatro anos, 25 de carreira e dando banho em muito rapper mais novo. Também, não é para menos: GOG é MC, poeta, correria, empresário, superpolitizado, incansável nas causas sociais. Cheio de projetos e planos, GOG trocou uma ideia especial com a gente aqui do **Jornal Radcal**. É ritmo e poesia na veia, se liga aí!

O que veio antes para o GOG?

O rap ou a poesia?

A poesia. Ainda criança meus pais me apresentaram Cecília Meireles. Acho que esse contato foi o início da poesia. Meu despertar aconteceu nas primeiras letras, as pessoas ficavam impressionadas e na sequência perguntavam: “Quem escreveu isso?”.

Ter mãe professora influenciou no seu caminho? Como foi a relação com a escola e com seus pais?

Minha mãe sempre foi muito rígida com o nosso estudo. Eu sempre tive facilidade no aprendizado, assimilava tudo rapidamente e era aluno destaque. Sempre fui aluno da escola pública. Nos anos de 1960, 1970 e início dos 1980, a qualidade do ensino era bem melhor por vários motivos, desde os salários dos professores até o respeito e credibilidade que os mesmos contavam junto à sociedade. Creio que seja essencial resgatar esse espírito. O desafio é despertar em todos a importância da educação na formação social do ser humano.

O que o rap significa na vida do poeta?

O rap me resgatou de uma fábrica em série. Principalmente estando em Brasília: “Estude, forme-se, gradue-se, seja funcionário público ou abra um escritório”. Não que isso seja errado, mas percebo que contribuo muito mais promovendo “Convulsão Social”, “Abalos sísmicos” em corações e mentes.

É isso que te inspira?

Sim. O mundo, o bem-estar das pessoas, a superação dos desafios e a felicidade de poder cooperar positivamente para uma melhoria comum. Sinto-me um instrumento dessa estratégia.

O que significa para você o título de poeta?

É uma grande responsabilidade, mas procuro encarar como um carinho, uma forma de as pessoas me agradarem e demonstrarem respeito.

Você acha que o fato de ser considerado por todos como poeta, dentro e fora do rap, trouxe mais autoestima para os jovens das Periferias?

Sim. Brasil com “p” é prova disso. Todo periférico tem orgulho de dizer que alguém, igual a ele, que sempre estudou na escola pública, que vem de ascensão nordestina e é fruto da afrodiáspora, foi capaz de construir uma poesia só com a letra “p”. Isso eleva a autoestima e cria um pressuposto.

Você vai lançar um livro este ano. Conta essa ótima novidade aí. Quando sai? Como nasceu a ideia? Já tem editora? Tá todo mundo cheio de curiosidade!

Pois é. Um livro em que falo de que forma concebi cada um dos meus discos. A necessidade surgiu quando percebi a grande quantidade de pessoas interessadas em ter acesso aos meus escritos. Foi muito bom lembrar, perceber o caminho trilhado. Na

elaboração, contei com o apoio essencial e decisivo de Nelson Maca, professor de literatura da Universidade Católica de Salvador e membro fundador do Coletivo Blackitude-BA. O título do livro é *A Rima denuncia* e deve sair este ano, pela Global Editora.

Qual o papel do rap enquanto lugar de fala da periferia? Os Racionais falam: “Entre pelo seu rádio, tomei, cê nem viu”. Como você vê essa resposta do rapper diante dos jovens das periferias?

Com o rap a periferia jamais será a mesma. Ele é o jornal do cotidiano e tem a linguagem do ouvinte. Só que não podemos cair na armadilha imediatista de reduzir suas matérias e temas a sangue e relatos descabidos, sem coerência. Muitos, ao longo dos anos, perceberam isso. Outros continuam trabalhando do jeito que o sistema quer. Informação, responsabilidade, amor, trabalho. Seguindo essas relações o hip-hop é insuperável na sua didática.

Para onde caminhou o rap até agora? Onde ele vai parar?

Para ser a música do planeta, isso é inevitável. O desafio é manter-se na trincheira e ter a lembrança histórica de que a proposta maior é não repetir os erros e a ignorância do opressor.

JAQUELINE FERNANDES

PERIFERIA

PE

Dicas de livros do GOG

Colecionador de Pedras • SÉRGIO VAZ
Capão Pecado • FERRÉZ
A Arte da Guerra • SUN TZU
Gosto de África • JOEL RUFINO DO SANTOS
Suburbano Convicto • ALESSANDRO BUZO

Dicas de filmes

Zumbi Somos Nós

• documentário dirigido pela Frente 3 de fevereiro em 2008, que discute o racismo na sociedade brasileira.

Além do Cidadão Kane

• documentário de Simon Hartog produzido em 1993 pelo canal 4 da BBC, que discute o poder da Rede Globo.



Cartão Postal Bomba

O DVD Cartão Postal Bomba já está nas lojas. GOG traz nova proposta de gravação, captação de som, apresentação e distribuição e uma lista extensa de participações especiais que envolvem nomes como Maria Rita, Lenine, Gerson King Combo, Paulo Diniz, Nego Dé, Ellen Oléria, Indiana Nomma, Rapadura, Mascoty, entre outros.

A banda é aquela que sempre acompanha o

poeta: Angel Duarte (baixo e voz), Kiko Santana (violão e voz), Richelmy (percussão), Ted (teclados), Ariel Feitosa (guitarra e produção musical), Júnior (bateria) e Dj A nas pick-ups.

Para adquirir acesse: www.gograpnacional.com.br. No site tem toda a agenda de shows do GOG e todas as novidades para 2009.

A violência e a expansão das drogas parecem uma epidemia, principalmente nas áreas mais pobres. Ainda é possível brechar esse processo? Como?

A única maneira de brechar o processo é uma grande reflexão sobre o papel do povo da periferia na manutenção dessa engrenagem. Quem vende, lucra, mas até que ponto? Quem consome, financia algo. O que, ou quem será? Não dá pra ficar reclamando da situação, sendo um financiador dela. Eu cito minha caminhada: não bebo, não fumo, nunca coloquei um cigarro de maconha na boca, muito menos química, e, mesmo assim, consegui meu destaque. Precisamos de exemplos de vitória, e que não sejam exceção, e sim regra.

Como você acha que deveria ser a escola para responder às necessidades e expectativas dos jovens da atualidade?

O primeiro ato seria a derrubada dos muros, pra que qualquer um pudesse entrar, sentar e assistir a uma bela aula, ampliando seu conhecimento. Ou seja: escola para quem precisa, escola para quem precisa de escola. Não entendo, até hoje, por que um morador não pode pedir licença e assistir a uma aula na qual tenha interesse. É a burocracia do sistema e aceitação das pessoas que tornam essa relação acabada, imutável. A escola particular surge como uma opção à pública, quando deveria ser um complemento. É um salve-se-quem-puder lamentável. O conteúdo didático deve ser complementado dia a dia com parte da vida do

estudante, caso contrário não será atraente. É nesse ponto que as políticas públicas de ensino têm falhado, apesar de muitas vezes serem bem-intencionadas.

Poeta, dá uma letra aí na galera Radcal.

A família tem total importância na nossa formação, parece óbvio, mas é bom reforçar. Leiam, criem uma estrutura, se superem todo dia e tomem cuidado com as armadilhas. Até a vitória!

DE PASSAGEM



MINHA ESCOLA RADICAL REAÇÃO EM CADEIA

Conheça o projeto que está mudando a vida do Centro de Ensino do Vale do Amanhecer de Planaltina, e dos alunos que o criaram

Falar do ReAção é como falar de um sonho, que como sempre começa na nossa imaginação, mas que com guerra e perseverança pode ser realizado. A maioria dos jovens que têm entre 15 e 18 anos está naquela fase: "QUEM SOU EU?". E isso é muito difícil para nós entendermos. O ReAção começou em um evento realizado na escola em 2006, o Desafio Estudantil, que tinha como objetivo falar sobre reciclagem. Dentro desse evento, vários grupos competiram entre si e um deles era o ReAção, que se apresentou na categoria documentário. Gostamos da idéia e começamos a

fazer vários outros, sempre apresentados no pátio da escola, até que fomos convidados pela equipe do Superação Jovem para gravar um programa sobre protagonismo juvenil, com o apoio da Fundação Athos Bulcão, na TV Cidade Livre, transmitido no canal 8 da Net e na internet. O ReAção decolou e passamos a ter a TV Cidade Livre como nossa parceira para produzirmos e levarmos ao ar um programa quinzenal.

Tudo que acontece no programa é criado por nós, estudantes. De maneira organizada, nos dividimos em equipes, e em homenagem a um de nossos parceiros, o Instituto Ayrton Senna, cada equipe recebe o nome de um dos valores que Senna acreditava serem fundamentais para qualquer um que deseja a vitória: motivação, determinação, dedicação, perfeição e superação.

Ainda não temos contato total com a comunidade, mas aos poucos estamos conseguindo. O idealizador de todo o projeto foi o professor Wagner, nosso grande mestre e parceiro. Nunca quis reconhecimento por esse projeto, mas quer que nós alunos construamos uma escola melhor, e que possamos andar com nossas próprias pernas.

Graças ao ReAção temos vez e voz. Temos muito caminho pela frente e sabemos que a jornada é longa, porém os desafios foram feitos para serem vencidos, e força e garra não nos faltam! Pois se chegamos até aqui, sabemos que podemos ir muito mais longe. Uma prova disso é o ReAção Mirim, que também é um programa de televisão, só que voltado para as crianças, feito pela galerinha do período vespertino da nossa escola. É ReAção por toda parte!



DEPOIMENTOS O IMPACTO DO PROJETO

Juliana Pereira da Silva, 17 anos

O ReAção me ensinou o trabalho em equipe, conviver com as diferenças, compartilhar experiências, conhecer novas pessoas, fazer amizades inesquecíveis. O ReAção é para mim uma grande família.

Maria Lícia Farias Lima, 16 anos

Entrar no ReAção trouxe uma coisa muito importante pra mim: a consciência. Passei a ver o mundo de outra forma, ser mas crítica e mais consciente do lugar à minha volta. O projeto despertou em mim habilidades que estavam adormecidas, me tornou capaz de fazer qualquer coisa. O ReAção me ajudou a descobrir quem eu sou, e me deu forças.

André Soares, 17 anos

O ReAção é, para mim, mais que um simples projeto de escola. É algo com que me identifiquei, é algo que faz parte de mim. Nele, fiz coisas que jamais imaginei fazer, desenvolvi habilidades que nunca imaginei que tivesse, tive e sei que terei muitas experiências maravilhosas. Me trouxe ideias novas, me deu uma nova visão de vida, tanto na escola como fora.

Janaína Maria dos Santos da Silva, 20 anos

Quando passei a ser integrante do ReAção, percebi que tinha mais responsabilidades, vi que não era fácil como eu imaginava: são reuniões, pautas, cenário, roteiro, transporte... Muitas coisas têm que ser resolvidas para tudo aquilo acontecer. Hoje sou apresentadora. Confesso que fiquei bastante amedrontada com essa função, afinal, não é fácil ser alvo de olhares, e saiba que esse é o maior deles.

PARA ENTENDER A CRISE

Temos assistido, nestes dias, ao derretimento simultâneo das calotas polares e do sistema financeiro global. A causa dos dois derretimentos é a mesma. A culpa de ambos é de políticos sem visão nem liderança e de banqueiros irresponsáveis, e também de um sistema que empurra o processo econômico para a sua própria falência. Os bancos são culpados por causa da leviandade com que manejaram depósitos e empréstimos, com base em moeda podre; os governantes, porque deixaram que isso chegasse até a falência. Por trás da ciranda financeira estão o setor produtivo e o consumidor, um querendo vender mais, outro gastar mais. A voracidade de consumo e produção empurra o sistema bancário para o crédito fácil, sem bases sólidas. Buscando lucros excessivos, os bancos criam moeda sem sustentação e fazem empréstimos de risco; querendo mostrar taxa de crescimento, os governantes incentivam essa irresponsabilidade. Apesar dessas causas, as saídas propostas continuam concentradas no sistema financeiro: injeções de dinheiro público, como forma de evitar a quebra dos bancos. Nenhuma proposta que reorienta o rumo ou o funcionamento da economia.

A mesma lógica absurda prevalece no tratamento do problema ecológico. Assim como o sistema financeiro, as geleiras também estão derretendo. Mas não enfrentamos as causas do problema: a voracidade da produção e do consumo.

Entretanto, os derretimentos podem ser um alerta para juntar os problemas financeiro e ecológico, e redefinir os propósitos e prioridades para uma economia saudável, sustentável, sem riscos financeiros nem ecológicos. Isso exige mudar, tanto o tipo de produtos que definem riqueza quanto o perfil da sua distribuição entre classes e gerações.

Foi graças à crise de 1929 que o Brasil reorientou seu modelo exportador agrícola, criando uma nova economia industrial. Em 1945, o País preferiu gastar seus recursos na importação de bens de consumo. Na crise do petróleo de 1973, que coincidiu com o início da revolução na informática, o Brasil investiu na alternativa do etanol, mas não mudou sua matriz de transportes, baseada nos veículos rodoviários, nem de industrialização, baseada no automóvel; e em vez de investir na educação e na ciência da computação, preferiu a reserva de mercado para produzir computadores ineficientes, com tecnologia e componentes importados.

Esta crise, que começou em 2008, nos traz outra oportunidade, desde que repensemos nossos rumos. O Brasil perde oportunidades desde a cana-de-açúcar, o ouro, o café, a borracha, a indústria. Mais uma oportunidade surgiu provocada pelo duplo derretimento dos bancos e dos polos, simultaneamente à possibilidade de sermos um centro produtor de energia.

Falta escolher o modelo de produção ("o que" e "como" produzir) do futuro; que não dependa tanto de créditos para o consumidor privado, não destrua o meio ambiente nem aumente a concentração de renda. Um modelo que seja baseado em investimentos sociais, com respeito à ecologia e distribuindo os benefícios do progresso, nesta e nas próximas gerações.

A partir de que experiência você decidiu fazer uma canção sobre a beleza?

Certa vez, fui levar um violão num bairro da periferia de São Paulo, chamado Pirituba. Andei durante algum tempo pela rua principal e fiquei impressionado com a quantidade de placas de salões de beleza que eu vi nessa rua. Uma coisa que normalmente tem às pampas por aí. Mas nesse dia especialmente eu notei com muita atenção. E comecei a refletir sobre o fato de existir um lugar chamado salão de beleza, um lugar onde as pessoas vão para adquirir beleza.

O que provocou o seu espanto?

Eu fiquei achando isso uma coisa muito maluca. A gente não percebe, mas nesse dia eu percebi o quanto isso era absurdo. Então a música brinca com isso aí mesmo, conta a história de alguém que vai ao salão comprar a beleza, como se fosse possível. Eu, particularmente, não tenho nada contra os salões, inclusive já fui, já precisei. Não acho que é o pior lugar do mundo não.

A música fala de uma outra beleza, a beleza da imperfeição, do erro...

É a verdadeira beleza, a beleza real...

O que você acha que está faltando para que os jovens percebam essa verdadeira beleza?

A própria indústria cultural vai fazendo e desfazendo conceitos ao longo do tempo. Essa obsessão de um ideal de beleza talvez tenha surgido com o cinema americano. Hoje, com essa coisa das top models, acho que ainda vai se desenvolver um pouco mais esse conceito de beleza asséptica, perfeita, de fino trato, de formas absolutas. É bacana ver uma pessoa fisicamente bonita, mas a música fala de uma beleza que transcende isso. Também não é aquele papo careta de programa de auditório da beleza interior. Não é isso; é complexo, é um conjunto de coisas. A inteligência de uma pessoa traz muito a sua beleza. A própria atitude às vezes até subverte o conceito de beleza. Há feios que são bonitos e bonitos que são feios. Há pessoas superbonitas, bem-cuidadas, com a pele

"HÁ PESSOAS SUPERBONITAS, BEM-CUIDADAS, COM A PELE LINDA, MAS SEM VIBRAÇÃO. FALTA VIDA, FALTA AQUELA COISA QUE PULSA, QUE FAZ AS PESSOAS FICAREM BONITAS".

linda, mas sem vibração. Falta vida, falta aquela coisa que pulsa, que faz as pessoas ficarem bonitas.

Como você vê essa concepção de beleza dos filmes americanos, da publicidade, das novelas?

Eu acho que é uma beleza de mentira e mais cedo ou mais tarde as pessoas vão perceber. Na verdade, até que já tem mudado. É uma coisa lenta, um processo histórico que leva anos para ser transformado. Mas você pode ver que hoje, nos ícones da beleza, um feio já tem um status diferente de um tempo atrás. Aí já vem um outro movimento, a coisa dos clubbers, que, de certo modo, endeusam o feio, o malvestido, o malarrumado, o desgrenhado. Há umas tribos europeias que vão por aí. Então a coisa é cíclica, está o tempo todo em transformação, o que eu acho positivo. O problema é que a gente já vive há algum tempo sob as garras da cultura de massa, que é uma coisa muito poderosa. Se

UMA OUTRA BELEZA

Em entrevista
ao Radcal, o
compositor Zeca
Baleiro questiona
os estereótipos e
fala das infinitas
maneiras de ser belo

GABRIELA GOULART



7

for imposto que fulana é linda de todas as maneiras possíveis, será difícil desmentir. Fica como uma coisa absoluta e a beleza não é absoluta, é relativa a muitas coisas. Quer dizer, há uns bonitos absolutos, como a Isabelle Adjani, de quem eu falo na música. Ela é linda, mas talvez conhecendo ela pessoalmente não seja tão linda assim.

E como é que fica a beleza das etnias, a beleza brasileira, nessa história?

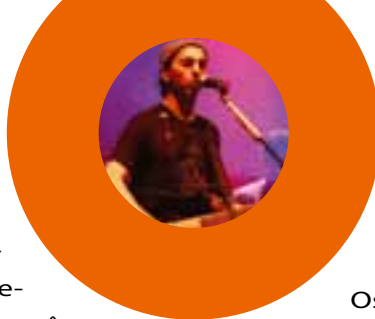
Está ganhando lugar. Veja uma campanha publicitária como a da Benetton, por exemplo, que fez um grande estardalhaço. Há alguns anos aquilo era improvável. Mas já se abriu um espaço para isso, com algum escândalo, com alguma polêmica. Mesmo a música étnica e na esteira disso o visual étnico dos artistas que fazem esse tipo de música é imitado. Um cara como o meu amigo e parceiro Chico César é imitado, com aquele cabelo que é completamente fora do padrão. Essas pequenas atitudes vão trazendo um

pouco de consciência para as pessoas. Para mim, é muito simples entender a beleza das coisas pequenas, não a beleza glamourosa das grandes festas, dos grandes banquetes. É a beleza cotidiana, que se vê

na rua, como eu falo na letra, a beleza que põe mesa, que deita na cama. É admirar a verdadeira beleza, uma beleza que transcende rótulos, conceitos, padrões, estereótipos.

Levando em conta esses seus critérios, quem é belo?

Muita gente. O Lula é um cara superbonito, por exemplo, um cara íntegro e essa integridade o faz belo. Acho o Gilberto Gil um cara belíssimo. A Isabelle Adjani eu acho fantástica.



Como você acha que os jovens estão encarando os padrões de beleza?

Sempre há o peso do estereótipo, da tradição, do conceito. Os jovens, quando querem namorar, vão em busca das pessoas bonitas. Mas eu acho que, na própria trajetória deles, estão descobrindo outras coisas, outros modos de beleza. O massacre da mídia, da publicidade, é muito grande. Em um comercial de leite desnatado, não aparece um casal negro, malvestido. Só aparecem pessoas enxutas, malhadas, bonitinhas, nunca foge disso. Um comercial de margarina idem, mostra aquela família feliz, todos bonitos, todos bem-nascidos. É bom ver pessoas bonitas, mas tem de mostrar também uma outra beleza. Há aquela música dos Paralamas do Sucesso que fala disso. Como o massacre da mídia é muito grande, muitas vezes as pessoas nem tomam conhecimento dessa outra beleza. O dinheiro também é algo que traz o status do belo para as pessoas. Mas para as pessoas conquistarem essa beleza de que eu falo na música é preciso uma experiência muito individual, é uma percepção interna e por isso é de poucos.

"É PRECISO SE LIGAR NA BELEZA COTIDIANA, A BELEZA DAS RUAS, A BELEZA QUE PÕE MESA, QUE DEITA NA CAMA. ESTA É A VERDADEIRA BELEZA, A BELEZA DO ERRO, DO ENGANO, DA IMPERFEIÇÃO, DE QUE FALO NA MÚSICA".



SALÃO DE BELEZA | TRECHO

**DEMORA
VEM VOCÊ ME DIZER
QUE VAI NUM SALÃO
DE BELEZA
FAZER PERMANENTE
MASSAGEM, RINSA-**

**GEM, REFLEXO
E OUTRAS "COSITAS MÁS" ...**

**OHI BABY VOCÊ NÃO PRECISA
DE UM SALÃO DE BELEZA**

**HÁ MENOS BELEZA
NUM SALÃO DE BELEZA**

**A SUA BELEZA É BEM MAIOR
DO QUE QUALQUER BELEZA**

**DE QUALQUER SALÃO ...
MUNDO VELHO**

**E DECALENTE MUNDO
AINDA NÃO APRENDEU**

**A ADMIRAR A BELEZA
A VERDADEIRA BELEZA**

**A BELEZA QUE PÕE MESA
E QUE DEITA NA CAMA**

**A BELEZA DE QUEM COME
A BELEZA DE QUEM AMA**

**A BELEZA DO ERRO
PURO DO ENGANO**

DA IMPERFEIÇÃO...

BELEZA BRASILEIRA

O PRECONCEITO



Em entrevista ao **Radcal**, a socióloga Mary Castro defende a necessidade de falar sobre diversidade sexual nas escolas

Pesquisa da Unesco sobre juventude e sexualidade realizada em 2004 com 16.422 estudantes, 3.099 professores e 4.532 pais de alunos de escolas públicas e privadas em 12 capitais brasileiras, mostrou que um em cada quatro estudantes não gostaria de ter um colega homossexual em sala de aula — 41% dos meninos afirmaram não tolerar colegas gays ou lésbicas e professores admitem não estar preparados para tratar a homossexualidade na escola... A socióloga Mary Castro, uma das coordenadoras da pesquisa, topou bater um papo com o **Radcal e revelou que a homossexualidade ainda é encarada com muito “medo” por pais e professores.**

Em relação à discriminação contra homossexuais, o que a pesquisa “Juventude e Sexualidade” detectou?

Primeiramente, saudações ao **Jornal Radcal**, parabéns pela escolha do tema. De fato, até hoje o que mais me lembro daquela pesquisa em escolas com professores, alunos e pais de todo o Brasil, é do preconceito e da discriminação. E, mais, do medo da homossexualidade. Sim, medo, porque uma alta proporção de jovens do sexo masculino declarava que não queria ter como colega de sala um homossexual. Ora, a psicanálise e outros conhecimentos das ciências sociais nos ensinam que medo e atração vivem juntos. Tememos algo que nos atrai ou que nos assusta.

Que dados vocês trouxeram em relação aos professores?

Impressiona a proporção de pais e professores que não sabiam nem nunca buscaram conhecer algo sobre homossexualidade. Então, devemos apelar para Paulo Freire e para Morin, que nos advertem que conhecimento é partir da realidade, de vivências e tentativas de compreender, questionar, ou seja, decolar do material concreto. O fato é que cada vez mais jovens se orientam pela homo, trans, bissexualidade. Pergunta-se: que conhecimento em particular quanto a aprender a ser, aprender a se relacionar, aprender a estar, vem-se impartindo nas escolas? Os pais, então, nem se fala. A mídia vive mar-



DEPOIMENTO DO PAI DO JONATHAN

CIDADÃO EXEMPLAR

Ao saber da homossexualidade do meu filho, encarei com toda naturalidade. Primeiro pela forma honesta e verdadeira com que ele próprio me revelou, por meio de uma conversa sincera e serena, demonstrando com essa atitude uma grande confiança na figura paterna, concretizando, assim, todo um esforço realizado no processo educacional por mim realizado. Segundo, pela minha formação cultural, sempre encarei e encaro a homossexualidade como uma orientação sexual, e não como uma anormalidade e/ou doença, que também deveria ser encarada com coragem e compreensão.

SILÊNCIO

telando que os jovens são assim, assado, sempre sublinhando negatividade, por causa dos pais, da família, e o que se tem em relação à sexualidade é um bando de adultos ignorantes, preconceituosos, que acham que homossexualidade contagia, pois não querem nem que os filhos tenham um colega de sala homossexual. E aí, volta a reflexão anterior de que o medo é a ponta do iceberg para o desejo.

E os estudantes?

Outro achado interessante se refere às diferenças segundo sexo/gênero. Os alunos demonstraram ser mais preconceituosos e discriminadores que as meninas, mas essas também são tímidas em relação a direitos sexuais e reprodutivos próprios e dos outros. As meninas se queixam muito das agressões a suas orientações sexuais por parte dos meninos, principalmente. O rapaz sente que sua masculinidade está em risco e sendo ameaçada pela presença de outras variantes de sexualidade. É comum também expressarem que uma jovem se orienta para a lesbianidade porque não encontrou um “macho certo, um macho macho”. Bom, em sexualidade, com todo o debate sobre progresso e pós-modernidade, os jovens, em sua maioria, estão tão ou pior que os pais, na idade das trevas, e as instituições muito ajudam nisso. Leia-se família, escola, igreja, mídia.

Jamais me preocupei com a homossexualidade do meu filho, e por conseguinte não houve um processo de aceitação, porque não é a orientação sexual que vai determinar o papel do cidadão na sociedade em que vive, e sim o seu comportamento e o seu desempenho, em todos os aspectos, dentro dessa sociedade. É o caráter e todos os outros atributos necessários para o exercício pleno da cidadania que devemos priorizar, e nesse aspecto o Jonathan é o filho que todo pai e toda mãe gostaria de ter concebido (ouço essa frase em todas as situações em que ele se torna o alvo).

Simplesmente não discutir a homossexualidade na escola parece ser a opção da maioria dos educadores. Na sua opinião, quais as consequências desse silêncio na formação cultural dos jovens?

Um abortamento de possibilidades de vivências imaginárias e reais, limitação do conhecimento. Mas para alguns autores é melhor que não se deixe sexualidade ser discutida na escola, porque o formalismo e a carece podem ser piores na codificação de formas politicamente corretas de viver a sexualidade que o não falar. Não sei, sou contra, creio que a escola, parafraseando Hannah Arendt, é a escola da razão, e desejo é também razão. Questionar, discutir, refletir, compreender deveriam ser vetores para uma razão menos prepotente.

Que tipo de intervenções deveriam ser feitas no sentido de superar os dados levantados na pesquisa?

Acredito mais na formação entre pares—jovens discutindo e refletindo com jovens. Mudar a cabeça de professores, que se advogue mais debates sobre sexualidade na escola, mas não na forma de conferências e, sim, de intervenções, principalmente no plano de defesa, dos direitos humanos, o que envolve direitos sexuais. O que não dá é o professor ver um jovem, uma jovem humilhada por sua forma de ser, estar, vestir, falar e considerar que não tem nada a ver com isso.

Seu comportamento como filho é irrepreensível, além de todos os adjetivos positivos nesse quesito, é, ainda, extremamente preocupado com a família e com os amigos. Em relação à carreira estudantil, foi impecável e motivo de exemplo para os colegas e orgulho para os pais e familiares. Na carreira profissional, sua conduta ilibada, competência, inteligência, tenacidade e criatividade foram corroboradas pelos vários prêmios recebidos no decorrer desse curtíssimo prazo de atuação no cenário profissional, o que, evidentemente, nos poupa em enumerar infindáveis atributos altamente positivos.

Na sua opinião, o que falta para os professores lidarem tranquilamente com a homossexualidade na escola?

Lidarem tranquilamente com a sexualidade é praticamente impossível. Sexualidade é instabilidade, tensão entre o aprendido e o imaginado, é desejo, é culpa por socialização imposta, ninguém lida tranquilamente com a sua e a dos outros, mas pelo menos que se discuta, que se faça o verbo. Que mais se invista em educação por linha de gênero.

Você poderia mandar um recado para os jovens leitores e produtores de mídia do Jornal Radcal?

Em sexualidade não há respostas, mas há tentativas. Há uma série de organizações que estão dando contribuições muito positivas nos debates sobre sexualidade e com experiências em perspectivas identitárias nas escolas. Há que mais difundir trabalhos como os nossos e dessas pessoas. Por outro lado, creio que é muito importante uma mídia jovem e alternativa, e o nome jovem **Radcal**, sugere muito: ir às raízes, ouvir jovens, adultos jovens e que buscam divulgar experiências, testemunhos, ousar.

Por tudo mencionado, é, sem sombra de dúvidas, desnecessário afirmar o magnífico relacionamento que toda a família tem com o Jonathan – pois ele é, de fato, o orgulho da família e exemplo de cidadão - para uma sociedade que deveria se importar com a “pessoa” do cidadão e não com a orientação sexual que essa “pessoa” venha a ter, opção essa que se torna infinitamente efêmera diante da complexidade que a vida nos apresenta.

J. V. ANDRADE

A SORTE DE UM ESFORÇO

EDUARDO ALVES DA SILVA • 23 ANOS, ESTUDANTE DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

O calor no DF tava de matar quando recebi a notícia de que havia passado no vestibular da UnB. Era no meio do ano, época da seca que racha os lábios e deixa a pele esticada feito um pan-deiro. Toda a comemoração foi feita: abraços, geral me dando parabéns, comidas boas, promessas... Tudo tava muito massa se não fosse por um grande detalhe: tinha me inscrito tão na tora que nem havia terminado o ensino médio ainda. Faltava, por raios que partam o destino, concluir duas matérias que na época foram incluídas na grade: sociologia e antropologia.

Nem precisa falar que me desesperei. Foi um susto. Uma surpresa! A trajetória foi de tensão total. Eu já havia largado a escola regular e pulado pro supletivo. Consegui uma bolsa integral num cursinho pré-vestibular. Eu queria passar. Achava importante. Ainda mais para mim: preto, pobre, que tem de ralar muito neste país tomado pelo preconceito. Pensei em juntar dinheiro e comprar um diploma falso, entrar por debaixo dos panos. Mas não. Fui falar com o coordenador do curso supletivo e, detalhe, o cara também era preto. Preto como eu. Ele me deu a chance de levar o comprovante de que tinha passado no vestibular e expor a situação para os outros professores. Assim poderiam autorizar a liberação de uma declaração de conclusão.

Nossa! Fui ao delírio. Rápido, correndo, voando atrás de uma *lanhouse* para imprimir o resultado do vestibular. O coração no tu tu tu tu tu tu tu... Quase pulando pra fora do peito. Tive medo. Bastante até. Mas, na real deu foi tudo certo. Falei com a geral de professores com o resultado do vestibular na mão. O que me intrigou foi que todos esta-

vam do meu lado, com exceção de uma professora negra de matemática que ainda não estava esclarecida de sua negritude.

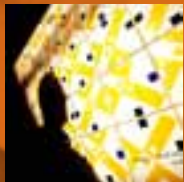
Enfim, passei! Pelas cotas raciais! Num corre cabuloso! Consegui a declaração e hoje já estou quase para me formar no curso de Pedagogia. A universidade me garantiu desde o princípio um leque de oportunidades quase ilimitadas. Fiz parte de muitos grupos negros. Participei, via academia, de intercâmbios entre muitos estados brasileiros para estudar questões de meu interesse e, além disso, por tabela, conheci um tanto mais este país imenso que é o Brasil.

Minha história tem muito de toda a história da negritude: sempre tendo que correr um tanto mais para conseguir as paradas. Sempre tendo que se expor um tanto mais para que reconheçam nosso esforço. Sempre tendo que largar estudo para tramar. Sempre com muita disposição. A importância das cotas na minha vida foi tremenda porque naquela escola – UnB – só dava branco. E hoje enxergo uns pretinhos aqui e outras pretas acolá. Ainda falta muito. A geral preta tem que ralar no esforço mesmo e correr atrás disso aí. Essa é uma oportunidade conquistada pelos nossos irmãos e irmãs negros e negras. Não podemos deixar passar! Vamos lá, trabalho, esforço, estudo... Sempre a cobrança batendo! Mas é isso. Quem sabe se no nosso corre de hoje muita gente negra não se

livra desse corre amanhã?

Por tudo isso acredito ser inegável a contribuição social que o sistema de cotas raciais arranhou, não só no meu caso, no processo de inserção da comunidade afrodescendente nas universidades públicas brasileiras. Apesar de ainda haver muita discriminação o passo foi dado e o incentivo deve ser acumulativo. Uma sociedade que exclui seus membros é uma sociedade morta. Ainda mais se tratando da comunidade negra afrodescendente, que compõe quase a metade da população.





A ARTE VISIONÁRIA DE ATHOS BULÇÃO

Certa vez, uma repórter desavisada perguntou a Athos Bulcão (1918-2008) o que ele fez na Semana de Arte de 1922 e ele respondeu: “Eu fiz quatro anos”. Mas, embora não tenha participado da Semana de 1922, Athos é um artista moderno da cabeça aos sapatos. Como todo grande artista modernista, o suporte para as suas invenções pouco importava. Onde tocou, ele deixou a marca do seu talento: pinturas, desenhos, esculturas, fotomontagens, máscaras e colaboração de arte/arquitetura. Athos trouxe à Brasília um pouco do que havia de melhor no modernismo brasileiro.

A princípio, a timidez é um empecilho para constituir uma teia de amizades. Mas a de Athos tinha algo de encantador. Ele fez amigos por onde passou, com o seu silêncio, delicadeza e senso de humor. Os amigos foram mais importantes do que as escolas e os movimentos em sua formação. E que amigos! Oscar Niemeyer, Vinicius de Moraes, Darcy Ribeiro, Fernando Sabino, Jorge Amado, Portinari, Paulo Mendes Campos, Burle Marx, Di Cavalcanti, Pancetti, Scliar. Uma verdadeira constelação modernista. Athos pertencia àquela estirpe em extinção dos cariocas ilustrados, civilizados e elegantes, espiritualmente elegantes.

Ele era da raça dos tímidos, dos que ficam esperando em casa que alguma coisa boa caia em sua cabeça como um raio. Quase sempre era salvo por um amigo. Oscar Niemeyer o convidou para realizar umas intervenções de arquitetura da Novacap e ele nunca mais abandonou a cidade. Era uma

época em que passava por dificuldades financeiras, sobrevivendo da atividade de decoração de interiores, que ele abominava. Por sorte, Brasília, a mais avançada cidade moderna do século 20, caiu não em sua cabeça, mas a seus pés, proporcionando uma rara oportunidade a um artista de intervenção na arquitetura de uma cidade.

Chegou a Brasília no momento em que a cidade era um imenso descampado envolvido na poeira, arrastada por redemoinhos, batizados de “lacerdinhas”. Contudo, isso não impediu que ficasse hipnotizado pela paisagem áspera, a amplidão do céu, a luminosidade, o silêncio, as noites sem luz com a abóbada cravejada de estrelas. A sensação de espaço encantou Athos. De modo que ele achou muito natural permanecer em Brasília. Era uma cidade boa para se trabalhar.

Em Brasília, imprimiu a marca de sua elegância, requinte e vibração de cores em mais de 200 obras de integração arte/arquitetura. Sem recorrer a nenhuma tradição, Athos desenvolveu uma estética moderna do azulejo na arquitetura, optando pelo abstrato em detrimento do figurativo, buscando uma síntese extrema, pesquisando efeitos das formas geométricas em relação aos espaços públicos. O azulejo tem a função de imprimir leveza, arejamento, sensação de luz no ambiente.

No entanto, antes de chegar a Brasília, Athos acumulou muito conhecimento e ciência da arte moderna, aprendendo sempre com os mestres. A iniciação na pintura se deve ao amigo Portinari, com quem trabalhou no

mural de São Francisco, no Museu da Pampulha, a primeira obra em que Oscar Niemeyer subvertia a rigidez do modernismo internacional da arquitetura, introduzindo a curva barroca brasileira na dureza do concreto.

Portinari era um grande amigo, de personalidade muito forte, que costumava formar uma legião de discípulos e acólitos. No entanto, Athos conseguiu driblar habilmente a tentação de copiar o mestre. Realizou uma obra que não tem nada a ver com o universo marcado pelo gosto figurativo, o engajamento social explícito e a influência do realismo socialista. A elegância, a polidez e gentileza de Athos enganavam os incautos. Ele era delicadamente rebelde. Em arte, só fazia o que lhe dava na veneta. Atribuía essa suave, mas firme rebeldia, à indisciplina e à convicção inabalável de que cada um deve fazer o que realmente deseja.

Para Athos, em artes só existia uma regra: o talento. E o talento de Athos está inscrito em toda a cidade. O poeta Vinicius de Moraes costumava dizer: “Yo no creo em Athos, pero que hay, hay.” (Eu não acredito em Athos, mas que ele existe, existe.” A obra de Athos irradiava modernismo e algumas de suas máscaras poderiam figurar nas capas dos discos de Renato Russo. Athos tinha um espírito coletivo, comunitário e cívico e inspirou a criação de uma fundação que se dedica a projetos de arte-educação com os adolescentes do Distrito Federal, que, instantaneamente, entram em sintonia com a alegria, a vibração de cores e o espírito visionário de sua obra.

Conheça mais a história de Athos Bulcão e os projetos desenvolvidos pela Fundação no site www.fundathos.org.br

ARMAS E BRINQUEDOS NA MÃO

Veja como o Estatuto da Criança e do Adolescente poderia mudar o destino de muitas crianças em situação de risco, se ele fosse cumprido

CLARA CAROLINE ARAÚJO • 22 ANOS, CEILÂNDIA-DF

O menino acelera, vrum. Ultrapassa pela direita, passa para a quinta marcha. Chega a 120km/h. Vai ziguezagueando pelas ruas. O fliperama e os carrinhos do parquinho não têm tanta graça quanto um carro de verdade. A verdadeira brincadeira dele não é de dirigir, é de brincar de ser adulto. Ele prefere ficar na rua com os caras mais velhos. Apoia o pé esquerdo no muro e cruza os braços durante o dia inteiro e fica observando o movimento. Rouba carros em um dia, e no outro, brinca de pique-esconde. Até tentou aprender a ler e escrever, mas perdeu a paciência de ir pra escola todos os dias. É inteligente, sabe muito bem articular as palavras quando é para se defender de algum sermão. Convence qualquer um. A mãe reclama, o pai bate, a vizinha dá conselhos, mas ele acha tudo que ouve uma piada. Quando o chamam só responde: "Oquecêquê?" Joga futebol na pracinha aos sábados de manhã como toda criança da sua idade, mas já colocou sua mão em um 38. É criança, é adolescente e, também, é adulto. Antes de completar 12 anos já possui uma ficha criminal de quatro metros de comprimento. Preso, já foi por 10 vezes. Vai e volta. E para ele, isso é motivo de orgulho e de histórias com os amigos. Ele é uma criança, de

acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA. E de quem é a culpa por essa criança estar envolvida no crime?

E a redução da maioridade penal virou assunto, mas existem poucas iniciativas com o objetivo de fazer os "guris" rebentarem para a vida com planejamento familiar e estrutura de qualidade para que a mãe tenha mais que o nome para lhe dar. Enquanto isso, "armas e brinquedos se confundem na mão de uma criança", como diria Marcelo D2. Com 8, 9, 10 anos, elas já não são tão inocentes como os seus rostos nos fazem pensar. O que esse menino faz é normal entre os seus amigos mais velhos. No universo dele eles sabem que competir por um emprego com filhinhos de papai que sabem falar inglês é quase impossível, então eles acham que o tênis e as roupas de marcas só podem vir dos roubos de carros ou eles nunca terão nada.

Vale a pena lembrar outros direitos garantidos pelo ECA e fazer com que eles sejam efetivados:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Art. 7º A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

Com exclusividade, o Oficial de Projetos do Unicef no Brasil, Mário Volpi, concedeu uma entrevista para o **Jornal Radcal** sobre o caso do menino, e a crescente criminalização precoce. "Quando uma criança entra numa situação de violência, de crimes e de falta total de limite, é sinal de que a família, a escola, a comunidade e as políticas públicas falharam. Na verdade não é o Estatuto que deveria ter feito algo, e sim as pessoas responsáveis por proteger, educar e ajudar a desenvolver cada criança. Agora é dever da família e dos agentes públicos ajudá-lo a entender os limites da vida, a valorizar e respeitar os outros e a interromper sua história de delitos". Ele completa dizendo, "Por isso que na primeira vez em que uma criança ou adolescente cometer qualquer delito, é preciso envolver a família, a comunidade, o conselho tutelar e o sistema de justiça, concentrando sua atuação na comunidade e não simplesmente enviar para um centro de internação".

Ao ser perguntando sobre o que acha dos quase 19 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente, Mário é otimista. "É bem melhor para uma criança viver no Brasil de hoje do que há 19 anos atrás. Muitas das melhorias se devem a pessoas e instituições que levaram a sério a aplicação dos direitos e responsabilidades previstas no Estatuto. A diminuição da mortalidade infantil; o aumento da matrícula escolar; a melhoria da renda familiar e outros avanços conseguidos precisam agora serem ampliados para todos". A atitude do menino que rouba carros é o retrato do que ainda precisa ser feito pelo ECA e as demais instituições. Precisamos estar por dentro dos direitos das crianças escritos no Estatuto e cobrar por eles para que elas parem de brincar de "bang-bang" real.

ACORDO ORTOGRÁFICO

O lance é o seguinte... Esse não é um manual com dicas para conhecer e escrever respeitando o novo Acordo Ortográfico, ok?

A corrida para ficar antenado com as mudanças no Português é grande! Revistas, listas de discussão na internet, blogs, sites, manuais... Todos prometem acesso rápido e eficaz às mudanças no Português com o novo Acordo Ortográfico.

Uma coisa é certa, os manuais não estão explicando o porquê de toda essa mudança. Para não perder o fôlego na corrida atrás das novas regras ortográficas é bom se informar e conhecer as motivações e os porquês de todas as mudanças que estamos vivenciando.

O novo Acordo Ortográfico tem como objetivo unificar a grafia do Português. A nossa língua era a única com grafia dupla, uma de Portu-



gal e outra do Brasil. Como o Português é a língua oficial de oito países, o novo Acordo Ortográfico vai facilitar e fortalecer a difusão cultural e científica, a divulgação de informação e as relações comerciais. Nem tudo é novidade... Esta é a terceira mudança oficial do Português no Brasil. A primeira aconteceu em 1943, quando a língua escrita era mais parecida com a de Portugal e distante da língua falada no Brasil. A segunda aconteceu em 1971: as alterações eram poucas e o período de transição foi de apenas dois anos. No dia 1º de janeiro de 2009 entraram em vigor as regras do novo Acordo Ortográfico e cerca de 2 mil palavras sofreram alterações. Agora, temos até o fim de 2012 para continuar usando a velha grafia e nos adaptarmos às mudanças. **SILVIA BERTOLDO, 20 ANOS** • SAMAMBAIA-DF



Atenção | Fique ligado | O Radcal já está escrito de acordo com as novas regras.
Portal da Língua Portuguesa • <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>
Museu da Língua Portuguesa • <http://www.museulinguaportuguesa.org.br>
Comunidades dos Países de Língua Portuguesa • www.cplp.org/

Ensaiô Geral Dulcina.
Quem está para fazer o vestibular
vai aplaudir de pé esse evento.

Ensaiô Geral Dulcina. Uma oportunidade para o estudante conhecer melhor os cursos de teatro e artes visuais em palestras e oficinas com profissionais das áreas.

De 25 de junho a 8 de julho
Informações: www.dulcina.art.br
ou pelo fone 3224.5369.
Inscrições para o vestibular
a partir de 10 de junho.

 Faculdade de Artes
DULCINA DE MORAES
A ARTE DE ENSINAR ARTE.

GRAVIDEZ TÁ NA HORA?

Era início de relacionamento. Estava apaixonada. Jamais pensei em filhos. Queria descobrir coisas novas. Experimentar, estudar muito, viajar. Havia conquistado um monte de coisa bacana. Atuava em diversos projetos de comunicação, direitos humanos, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. Minha grande meta era a faculdade de jornalismo.

Transamos. E, claro, foi muito bom. Várias e várias vezes por sinal. Não usamos camisinha. Pílula eu até tomava direitinho. Tinha procurado uma ginecologista e feito os exames. O problema é que esqueci em um certo dia... e pimba! Vacilo, aquela velha história de que isso “nunca vai acontecer comigo”. Pura irresponsabilidade. Engravidai.

Pré-natal, exames mensais, mudança obrigatória de hábitos. Se fosse só isso!!! Enjoos, náuseas, discriminação e, pasmem, tem gente que ainda consegue fingir não vê uma grávida em pé dentro do ônibus.

Foram meses de incerteza e medo. Todo dia eu travava uma batalha diferente e no fim sempre vencia.

Chegou a hora. Tive que fazer uma cesariana às pressas. O bebê estava sofrendo. Tinha passado do tempo de nascer, mas deu tudo certo. Ele veio saudável. Queria mamar. Era muita responsabilidade. Um filho? É claro que eu teria que deixar de fazer um montão de coisa. Ah, a palavra responsabilidade aparece em todos os momentos.

É, menina, tudo tem uma consequência e filho é para o resto da vida. O lance é amadurecer mais rápido. Quem tem filho não tem tempo para imaturidades ou dúvidas. Falo isso porque vivencio na pele a situação. E vou te dizer mais, eu tive total apoio do meu namorado, da minha família e dos meus amigos. Já tinha certa estabilidade financeira e sabia o que eu queria da vida. E as meninas que estão por aí e não podem contar com o apoio de ninguém? Com certeza você conhece ou já ouviu falar em alguém nessa situação, não é?

Quando vi a carinha do Arthur pela primeira vez no hospital o meu sentimento foi de plenitude. Ali senti que começava uma das maiores missões da minha vida. A de educar. O Arthur me mostrou o que é família. Eu, ele e o pai dele somos um corpo só. E sabe o que mais me emociona? Quando acordo pela manhã e ele sagradamente fala: “Bom dia *fôr* do dia”.

Às vezes me pergunto: estava na hora certa de ser mãe?

Engravidar cedo não é sinônimo de parar no tempo, esquecer que tem sonhos, desejos ou vaidade. Muda muita coisa sim, mas daí a ter que parar de trabalhar, estudar e lutar pela vida porque teve um filho é coisa de pessoa acomodada. O Arthur agora tem 2 anos e minha vida profissional está melhor do que antes. Dei continuidade a todos os meus projetos e numa escada de 0 a 10 para a plenitude total, estou no 6º degrau. Agora imagine se eu tivesse usado a desculpa de uma gravidez não planejada e precoce, engravidado e parado no tempo, e visto no filho uma desculpa para não continuar a lutar pelos meus sonhos e metas. Provavelmente não estaria te contando um pouquinho da minha história.

A PÍLULA ANTICONCEPCIONAL

A adolescente pode e deve conhecer este importante meio de se proteger de uma gravidez, pois se trata de um método seguro e eficaz, desde que utilizado corretamente. O primeiro passo para se buscar informação e orientação a respeito do seu uso é fazer uma consulta ao ginecologista, que é o médico ideal para indicar o método. Para cada paciente há uma pílula mais adequada, pois existem várias doses e tipos diferentes de pílula que podem ser responsáveis por efeitos de ganho ou perda de peso, melhora ou piora de espinhas e pelos, dor nas mamas e sangramento vaginal irregular, por exemplo. Todas as pílulas têm igual eficácia, que é de mais de 99%. O mecanismo de ação se baseia na interrupção da liberação de hormônios pelo cérebro, que faz com que o ovário secrete seus hormônios e produza o óvulo. Para se obter a pílula nos centros de saúde, de graça, é necessária a apresentação da receita da Secretaria de Saúde ou do cartão de planejamento familiar. As pacientes também podem levar a receita a uma farmácia popular nas redes dos bairros, onde é possível adquirir a pílula com desconto de 90%.

